

RESENHA CRÍTICA DO LIVRO “A ELITE DO ATRASO: DA ESCRAVIDÃO À LAVA JATO”, DE JESSÉ SOUZA

Guilherme Duarte

José Vitor Garcia

1. Jessé Souza

Jessé José Freire de Souza é um respeitado sociólogo e pesquisador, além de professor universitário. O potiguar também ocupou o cargo de presidente do IPEA, entre 2015 e 2016.

Não é segredo para ninguém que Jessé se situa do lado esquerdo do espectro político, talvez por isso o autor tenha se motivado a escrever uma série de livros que falam de forma muito crítica e esclarecedora sobre a atual crise política, moral e econômica do país, que atingiu principalmente os partidos de esquerda de modo brusco, sobretudo o PT, e em contrapartida favorece o jogo político da Direita, as grandes corporações e o empresariado. Como veremos a seguir, Jessé trará explicações autênticas e muito diferentes da que estamos acostumados a ver e a ler na grande mídia, no que se refere a esse momento turbulento por qual passamos e tudo indica estar longe de acabar. Na presente resenha, falaremos sobre o seu título “A Elite do Atraso”, publicado em 2017, portanto, antes da eleição presidencial e para governador de 2018.

2. O trabalho sujo dos intelectuais.

No livro “A elite do atraso” o sociólogo Jessé Souza irá tecer uma das melhores críticas relacionadas à sociedade brasileira e suas nuances que já podemos ler. O autor irá focar enfaticamente em quebrar o paradigma que serve como pano de fundo para todas as análises sociais que se propõe fazer no Brasil, seja tal análise produzida pelo espectro da esquerda ou da direita. Tal paradigma é a noção de “Patrimonialismo” e do “Culturalismo racista” (palavras do autor) que estão presentes na nossa sociedade. Aliás, não só estão presentes, como também extremamente naturalizadas no cotidiano, de forma que funcionam de maneira pré-reflexiva. Cujas sua legitimidade deve, no entanto, ser questionada.

Antes de entrar no porquê de isso ser apresentado como um grande problema, vejamos como foi possível esses dois conceitos principais se instaurarem de maneira tão forte no

subconsciente da população nacional.

Jessé está convicto de que a consolidação dessas ideias se deve especialmente ao fato de intelectuais consagrados – e ele cita sem medo o nome dos que elege responsáveis – terem trabalhado para que essa visão enraizada fosse produzida.

O trabalho de distorção sistemática da realidade realizado pela mídia foi extremamente facilitado pelo trabalho prévio de intelectuais que forjaram a visão dominante, até hoje, da sociedade brasileira. (SOUZA, 2017 p. 14)

Os intelectuais que são alvo principal das duríssimas críticas proferidas por Souza são Sérgio Buarque de Holanda (e seu livro “As raízes do Brasil”) e Rodrigo Faoro, com a sua obra “Os donos do poder”. Jessé argumentará que as noções de culturalismo e patrimonialismo tomam forma exatamente nessas duas leituras citadas acima, e que é a partir do prestígio irradiado pelos seus autores que se tornará possível a propagação deliberada desses conceitos. Nesse ponto consideramos importante comentar que por vezes as críticas de Jessé parecem demasiadamente fortes, de maneira que por influência do tom do mesmo, o leitor tende a olhar os intelectuais criticados de forma a demonizá-los. Souza discorre sobre o que acha da suposta crítica atribuída a Sérgio Buarque em relação a Gilberto de Mello Freyre (Freyre é um outro autor que sofreu críticas, entretanto em medida muito mais branda. Jessé acusa S. Buarque de Holanda de distorcer os pensamentos de Freyre, que veria algo positivo nas especificidades da sociedade brasileira, para criar um culturalismo racista e um sentimento “vira latista” no Brasil.

“A real crítica a Freyre exigiria acritica dos pressupostos culturalistas/racistas do paradigma que o influenciou, coisa que Sérgio Buarque jamais fez, muito antes pelo contrário. Ele, na realidade, regrediu em relação a Freyre, que havia, ao menos, procurado criticar, ainda que dentro do paradigma culturalista/racista, a tese do americano e do europeu como seres divinamente superiores. Sérgio Buarque nem isso sequer tentou.

Aceita a viralidade do brasileiro como lixo da história de bom grado e degrada e distorce a percepção de todo um povo como intrinsecamente inferior. E ainda tira onda de crítico, seguido por cerca de 90% da intelectualidade nacional, por ter supostamente descoberto as razões da fraqueza nacional” (SOUZA, 2018 p.30)

Vale mencionar aqui que Jessé Souza não atribui a criação do conceito de “Culturalismo Racista” e nem de “Patrimonialismo” a esses autores, o peso que ele concede aos intelectuais por ele criticados é o de legitimar a reforma das ideias de modo que elas ganharam prestígio e puderam ser passadas como fato. Jessé considera o “culturalismo” como

um eufemismo para o racismo fenotípico (como a Frenologia) presentenas análises científicas anteriores à 1920, que faziam análises baseadas em crenças sobre superioridade de uma raça sobre a outra. Jessé tampouco irá afirmar que a propagação desse paradigma se dá unicamente pelos autores citados, ele responsabiliza pela adesão dessas ideias, também, a grande mídia tradicional e os setores acadêmicos.

3. O pensamento acorrentado e direcionado.

Bom, mas por que motivo Jessé afirma que a incorporação de tais conceitos pela sociedade brasileira, de forma geral, é ruim? Vejamos: primeiramente podemos concordar como autor que qualquer ideia-força que passa a atuar de forma pré-reflexiva é ruim. Ou seja, uma ideia que se naturaliza com tanta força no imaginário popular que passa a servir como ponto de partida inconsciente para qualquer pensamento com ligação ao assunto, de modo que, de maneira praticamente imperceptível, toda reflexão, por mais diferentes e contrapostas que possa parecer, tende a chegar a uma conclusão semelhante, pois estão acorrentadas dentro de um mesmo paradigma.

Como dentro de um mesmo paradigma convivem interpretações que parecem, inclusive, ser opostas, quando são, no máximo, a imagem invertida no espelho de algo muito semelhante, a questão principal para a superação dos paradigmas científicos é perceber seus pressupostos. É necessário ganhar distância em relação àquilo, precisamente, que é percebido como óbvio e evidente por todos. (SOUZA, 2018p.15)

É possível relacionar esse pensamento trazido à tona por Jessé como filme “O quarto de Jack” (Room). Jack é uma criança de 5 anos, que por consequências trágicas, viveu toda a sua vida dentro de um minúsculo porão, tendo como única companhia a sua própria mãe. Às semelhanças entre o conceito de paradigma e o personagem que ganhou vida na atuação de Jacob Tremblay se dá pelo fato de “Jack” ter uma percepção de mundo limitada unicamente ao universo de seu porão/quarto, devido ao seu confinamento que o impediu de conhecer o mundo exterior. Guardada as devidas proporções, é possível relacionarmos o aprisionamento físico da personagem que limitou sua visão de mundo há um cubículo com a restrição intelectual de que somos vítimas ao pensarmos o mundo dentro de um quadro irreflexivo que restringe nossa percepção sobre a realidade.

4. Patrimonialismo e Culturalismo racista, a nossa cortina de fumaça.

Após fazer coro à preocupação de Jessé no que se refere a naturalização irracional de uma ideia, transformando-a em fato, é hora de abordar os dois conceitos chaves que irão conduzir e ser tema central de todo o livro: O Culturalismo Racista e o Patrimonialismo.

Como já apontado anteriormente, as principais críticas de Jessé Souza ao Culturalismo estão intrinsecamente atreladas a críticas contra Sérgio Buarque.

Como demonstra durante praticamente todo o livro, é Sérgio Buarque – por meio de sua conhecida obra “As raízes do Brasil” – que será o impulsor do vira-latismo brasileiro, transvertido pelo seu “homem cordial”. A ideia do brasileiro como um povo demasiadamente afetivo, personalista, informal e, por influência disso, tendente a corrupção resulta na distorção de nossa visão diante de nossa própria imagem, em benefício da nossa percepção sobre o estrangeiro, principalmente o estadunidense e o europeu. Note que essa característica a nós atribuída funciona de maneira extremamente generalizada, massificando e juntando forçosamente todas as especificidades de um povo altamente heterogêneo em um conceito deverás subjetivo.

Mas será que de fato o “jeitinho brasileiro”, no sentido negativo da palavra, é um comportamento exclusivo nosso e os estadunidenses e europeus, tão idealizados pelo imaginário nacional como exemplo a ser seguido e nunca alcançado, são imaculados e imunes a toda deturpação e perversão moral? Não para Jessé, como o próprio explicita em diversas falas.

As falcatruas globais do mercado financeiro americano, que ficaram públicas na crise de 2008, construídas para iludir e enganar os próprios clientes e drenar o excedente mundial em seu favor, são, certamente, invenção de algum brasileiro cordial que passou por lá e inoculou o vírus da desonestidade nessas almas tão puras. (SOUZA, 2017 p.32)

O patrimonialismo, no caso tratado pelo livro, representa a figura do estado demonizada, composta por uma elite PURAMENTE estatal (eis aqui um ponto chave) que atua com a única e exclusiva função de drenar o patrimônio público para sua posse, usando para isso o poder do estado e do cargo que ocupa. O principal intelectual que sofre com a “ira” de Jessé, no que se diz respeito a Patrimonialismo, é o historiador Rodrigo Faoro. Jessé Souza inclusive dedica as páginas de 200 a 209 para desmontar por completo toda a tese de Rodrigo Faoro sobre o conceito, resgatando os pensamentos de Max Weber, afim de

demonstrar a fragilidade e as inverdades da tese em questão.

É que para Faoro, o nosso Patrimonialismo seria uma herança cultural da colonização portuguesa, um “hábito” tão forte, que foi capaz de sobreviver e se perpetuar não apenas durante toda a nossa história de chegada dos navios ibéricos, a instalação das capitaniashereditárias, a morada da família real, a independência e entre outros fatos, mas também a própria história portuguesa como Estado-Nação, visto que Faoro aponta como gênese do Patrimonialismo, a unificação precoce (se comparada as outras potências europeias) de Portugal. Não iremos tentar fazer críticas a teoria de Rodrigo F. com base no pensamento Weberiano, tal como fez Jessé, pois isso seria praticamente transcrever a crítica proferida pelo mesmo, visto o certo grau de complexidade impregnado nas suas palavras, cujo o qual não conseguiríamos reproduzir de forma satisfatória sem que nos baseássemos de forma excessiva nas palavras do mesmo.

Entretanto, os furos no pensamento do historiador, aos quais Souza expõe a luz, fatalmente nos levam a questionar a veracidade de sua tese. A ideia de um comportamento negativo, intrínseco a nosso povo e ao estado, herança de um passado colonial ligado a formação do Estado português e a nossa própria, mesmo passado mais de 7 séculos, parece a descrição de uma maldição de filmes fictícios, e não uma análise eficaz para se entender, e buscar solucionar, os problemas que afligem nossa sociedade atualmente.

5. A Elite do Atraso e da Rapina e sua invisibilidade.

Mais importante que entender esses dois conceitos presentes de forma pré reflexiva em praticamente toda a população brasileira, sejam estes intelectuais, cidadãos comuns, pessoas de esquerda ou direita (...) é entender o porquê – na teoria trabalhada por Jessé Souza – que isso acontece.

Como já vimos acima, Souza irá argumentar que a consagração dessas ideais só foi possível devido ao impulso a elas fornecido pelo prestígio intelectual, todavia, o sociólogo não considera isso como único fator para a consumação do paradigma.

Para se entender o objetivo por trás da perpetuação dessa ideia-força, é necessário conhecer outro ponto chave do livro: A elite do atraso e da rapina.

As palavras que estão na capa do livro, além de título escolhido por Jessé, é o nome que o mesmo dá a uma elite altamente endinheirada e poderosa, que atua no mercado financeiro de forma a rapinar o que deveria ser a riqueza social em proveito próprio. Essa

elite, com seus interesses inconfessáveis e obscuros é o verdadeiro grande vilão da nossa história.

Jessé irá nos mostrar que esse grupo, que age de modo corporativista, apesar de ser o nosso maior problema é tornado invisível pelos conceitos de patrimonialismo e culturalismo, que ao demonizar o estado e seus componentes com a crença de que a corrupção política é responsável por todas as nossas mazelas, não só ofusca a elite do atraso, como também legitima os seus interesses mesquinhos como se fossem interesse de todos.

A construção de uma elite toda poderosa que habitaria o Estado só existe, na realidade, para que não vejamos a elite real, que está “fora do Estado”, ainda que a “captura do Estado” seja fundamental para seus fins. É uma ideia que nos imbeciliza, já que desloca e distorce toda a origem do poder real(...) (SOUZA, 2017 p.12)

Combater a corrupção de verdade seria combater a rapina, pela elite do dinheiro, da riqueza social e da capacidade de compra e de poupança de todos nós para proveito dos oligopólios e atravessadores financeiros(...) (SOUZA, 2017 p.12)

A função do paradigma patrimonialista e cultural racista, portanto, é justamente esconder e legitimar a ação repulsiva dessa elite, criminalizando o estado e governos, principalmente aqueles que se propõem a diminuir a desigualdade social (são acusados de populistas, como veremos adiante), enquanto idealizam o mercado, como o antro de moralidade, livre de interesses escusos e, portanto, uma alternativa ao diabólico estado, a qual devemos passar o mais longe e conceder o mínimo poder possível.

A captura das riquezas que deveriam ser subvertidas no bem geral pela elite da rapina torna-se possível através dessa visão pautada no liberalismo conservador brasileiro.

Essa visão trazida a nós por meio das linhas escritas por Jessé faz sentido ao traçarmos um paralelo com a crise que assola o estado do Rio de Janeiro.

Segundo a Secretaria Estadual de fazenda, o Rio deixou de arrecadar 8,8 bilhões em impostos no ano de 2016. A política de isenção fiscal para empresas, aparentemente não surtiu o resultado esperado de gerar emprego e renda, muito pelo contrário, é apontada como uma das principais causas para a situação do estado hoje. Como apontado por Marcelo Freixo em entrevista ao “Brasil de Fato” em outubro de 2017.

É uma política econômica que favoreceu ao capital e não ao trabalho, gerando mais desigualdade(...) (<https://www.brasildefato.com.br/2017/10/23/isencoes-fiscais-no-rio-geraram-empresas-e-nao-empregos-afirma-marcelo-freixo> acessado dia 28/10/2018)

Porém pouco (ou nada) se fala a respeito dessas práticas que favorecem diretamente a

camada mais gorda, em termos financeiros, da sociedade, em prejuízo do restante. Nosso foco, ao que tudo indica, é direcionado exclusivamente para culpar o estado por todas as nossas mazelas, favorecendo assim as práticas de privatização, como foi – e ainda é – sinalizado no caso da CEDAE. A legitimação se dá em tirar do estado, necessariamente corrupto e patrimonialista, e entregar nas mãos do interesse privado, imaculado e acima de qualquer suspeita.

Dando razão a Jessé Souza no ponto de não reconhecer uma suposta herança maldita perpetuada através de séculos como a peculiaridade que explica a nossa realidade, devemos crer então que exista outra teoria que realize essa função. Justamente nesse sentido, Souza irá recapitular de maneira fantástica o nosso passado escravista, apoiando-se largamente nos escritos de Gilberto Freyre, especialmente nas obras “Casa Grande & Senzala” e “Sobrados e Mocambos”.

Souza irá argumentar de maneira muito convincente sobre como a estrutura de dominação, opressão e humilhação escravocrata ainda mantém significativos resquícios nos dias de hoje, sendo ela, a nossa real herança maldita que é propositalmente jogada para debaixo do tapete. Jessé irá apontar como o ódio de votado ao escravo negro era, em parte, africana evoluiu para o ódio devotado às classes mais pobres de maneira geral, no contexto da passagem do campo para a cidade e da chegada da família real.

É nessa sociedade pautada de início no estilo binário, representado na exploração e desumanização dos mais fragilizados e no poder limitado dos privilegiados, que temos nossa semente. É a partir dela que irá florescer a nossa sociedade contemporânea. A elite do atraso terá sua origem nos donos de escravo, senhores de engenho que conseguiram perpetuar o seu poder e de suas famílias através dos séculos. Os escravos por sua vez, no decorrer desses e ainda poucos anos, darão origem a “Ralé dos novos escravos”, como Jessé chama provocativamente – afim de causar desconforto – a classe social mais baixa de nossa sociedade. A Elite do Atraso e da Rapina e a Ralé dos Novos Escravos são os dois extremos sociais do Brasil moderno, entender o processo de sua formação e o mantimento da estrutura de exploração é crucial, não apenas para entender o pensamento do sociólogo Jessé, mas também para desenvolvermos um olhar crítico e realístico sobre o mundo que nos circunda.

6. As classes sociais do ponto de vista de Jessé Souza.

O assunto referente às classes sociais possivelmente é o tema mais complexo de ser

compreendido no livro de Jessé. Isso se deve pela sua importância para uma compreensão satisfatória do livro e também pelos elementos que o sociólogo irá usar para classificá-las. Acontece que Jessé é contrário a definição de classe social mais difundida entre nós, que usa como critério de estratificação apenas fatores de renda. Para Jessé, essa forma de análise resulta na ocultação de diversos outros fatores importantíssimos para a formação da consciência de classe.

A forma mais eficaz e mais comum de se negar a importância do pertencimento de classe social para a vida de todos nós é (não) percebê-la apenas como realidade econômica. Essa é a fraude principal que permite que as pessoas (não) percebam a classe social e sua importância. (SOUZA, 2017 p.32).

Jessé propõe que essa avaliação e definição sejam realizadas através de um olhar sociocultural e não apenas economicista. Para o sociólogo, analisar a formação do indivíduo dando ênfase na sua base familiar é crucial para entendê-lo como pertencente à determinada classe social. Isso provém da teoria do autor de que o incentivo familiar das classes privilegiadas, traduzido em estímulos ao pensamento prospectivo, a leitura, a lúdica, é o primeiro grande ponto que influenciará nos seus sucessos escolares e profissionais em relação a aqueles que não dispõem dessa base. Souza irá recapitular a formação familiar das classes populares desde a época da escravidão, apontando como a herança escravocrata está novamente presente em detrimento dos oprimidos. A estrutura familiar do escravo foi alvo dos mais covardes e inescrupulosos ataques, de forma que a sua desestruturação repercute até o presente na “ralé de novos escravos”, tal como o ódio devotado ao escravo e que evoluiu para o ódio direcionado ao pobre.

Além da “cortina de fumaça” composta pelas 0-explicações do patrimonialismo e do culturalismo, a Elite do Atraso age em conluio com a grande mídia tradicional e com a classe média, como demonstrado brilhantemente por Jessé Souza. A elite da rapina consegue colonizar o pensamento da classe média por meio da propaganda sistematicamente reproduzida pela mídia, com seus discursos feitos sob medida a fim de atingir as mentes e corações dessa classe, que sente a necessidade de se auto legitimar e legitimar-se perante o olhar das outras classes.

Souza aponta a moral seletiva da classe média, que posadepaladinos da moral e justiça, entretanto direciona seu ódio apenas a corrupção estatal, e mais precisamente a partidos populistas que se tornam alvo da elite e conseqüentemente da mídia.

Essa seletividade moral da classe média apontada por Jessé mostra-se empiricamente

observável, sobretudo no momento eleitoral atual, onde o ódio aparentemente infundado ao PT decidiu a presidência do país.

Nesse cenário, os setores da classe média servem como capataz da Elite do atraso, servindo como principal massa de manobra para seus interesses escusos.

O trabalho que Jessé Souza apresenta em “A Elite do atraso – da escravidão à lava jato” é uma grande contribuição para a sociedade como um todo, sobretudo no nosso delicado momento atual. A visão alternativa que o potiguar traz para analisarmos a formação de nossa sociedade é importantíssima, pois permite que façamos a análise de um novo paradigma, de modo a enxergar problemas e soluções antes invisíveis aos nossos olhos. As eleições de 2018 servem como comprovação das ideias de Jessé, visto que discursos de ódio foram marca registrada do período, assim como ataques a políticas assistencialistas que visam diminuir a desigualdade social.

Como demonstrado por Jessé, esse cenário foi pavimentado pela mídia, que manipulou a classe média e até mesmo os setores populares. Como demonstrado por Jessé, esse cenário foi pavimentado pela mídia, que manipulou a classe média – e até mesmo os setores populares – em benefício da Elite do mercado.

Bibliografia

SOUZA, Jessé. **A elite do Atraso: Da Escravidão à Lava Jato**. LeYa: 2017, São Paulo.

Bernardes, José Eduardo - Brasil de Fato. **Isenções fiscais no Rio geraram empresas e não empregos, afirma Marcelo Freixo**. Disponível em: <[https://www.brasildefato.com.br/2017/10/23/isencoes-fiscais-no-rio-geraram->](https://www.brasildefato.com.br/2017/10/23/isencoes-fiscais-no-rio-geraram-). Acesso em: 29/10/2018